

Viena e “a crise de refugiados na Europa”: um mosaico etnográfico*

*Anne Unterwurzacher**; Ethel V. Kosminsky***;
Katharina Auer-Voigtländer*****

Introdução

Mais de 1.000.000 de migrantes cruzaram as fronteiras europeias em 2015. Este grande movimento levou políticos europeus a anunciar uma “crise de refugiados na Europa”. Um ano após essa massiva mobilidade migratória, a crise de caráter político ainda existe e aprofundou ainda mais clivagens pré-existentes no continente europeu. Os conflitos surgem principalmente em torno da questão de como lidar com a situação dos refugiados na Europa. Para simplificar tal desafio, pode-se argumentar que o continente estaria dividido em duas principais direções políticas: de um lado, há países que seguem uma posição anti-imigrante muito rígida combinada com uma defesa da soberania nacional(classificados como “ocidentais”). Do outro lado, encontram-se países que favorecem posições mais moderadas em relação à migração e lutam por uma solução comum. A controvertida frase da chanceler alemã Angela Merkel *Wir schaffen das* (nós controlaremos isso) é, por exemplo, emblemática em relação aos direitos humanos. Esta grande lacuna torna quase impossível resolver a “crise de refugiados” consensualmente.

* Trad. Gustavo Tentone Dias (UNIMONTES); Rev. Téc. José Carlos Pereira (CEM)

** Anne Unterwurzacher é Ph.D. Em sociologia, e realiza pesquisa sobre os “Gastarbeiter” turco (trabalhadores convidados), que vieram para a Áustria na década de 1960, e, em seguida, se estabeleceram na Áustria ou se mudaram para a Alemanha, a fim de obter melhores salários. Anne Unterwurzacher também atua como ativista - pró-refugiados e pró-direitos humanos.

*** Ethel V. Kosminsky é professora Livre-Docente de Sociologia do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista - UNESP - Campus de Marília (aposentada); Professora adjunta de Sociologia do Queens College/CUNY (2008-2013).

**** Katharina Auer-Voigtländer é professora da St. Pölten University of Applied Sciences, na Baixa Áustria. Realiza o seu Ph. D na Vechta University na Alemanha. Coordena um projecto que investiga a inclusão de refugiados na Baixa Áustria.

Devido à posição geográfica da Áustria, localizada no “meio” do continente, o país foi uma das principais rotas de trânsito para refugiados que almejavam solicitar asilo na Alemanha ou na Suécia. Todavia, o território austriaco não era apenas um pólo de trânsito, quanto mais tempo durava a crise, mais pessoas pediam asilo na própria Áustria. Como reação ao aumento considerável no número de refugiados, o governo austriaco passou a restringir concessões de asilo a refugiados¹. Nessa tônica, o governo promulgou uma nova lei que permite declarar “estado de emergência”, caso o número de refugiados supere 37.500 por ano. Refugiados, incluindo os de países em guerra como a Síria, por exemplo, serão rejeitados diretamente na fronteira austriaca.

Neste artigo, queremos ilustrar como a Áustria tem respondido à “crise de refugiados” do ano passado. Nas três primeiras seções concentramo-nos principalmente em Viena; na última seção, o foco geográfico será mais amplo. Consideramos nosso artigo como uma espécie de mosaico com diferentes pontos de vista, que buscam destacar nossos interesses e compromissos pessoais, bem como distintas abordagens teóricas.

Na primeira seção, *“Viena como chegada, transferência e cidade de partida: passado e presente”*, apresenta-se uma breve visão geral sobre a história da migração na Áustria desde 1900 até hoje - com um foco especial em Viena. Inúmeros fluxos migratórios transformaram Viena na cidade que é hoje: um local multicultural, com povos das mais distintas nacionalidades. Devido ao movimento de refugiados no ano passado, Viena recebeu pessoas principalmente da Síria, Afeganistão e Iraque.

Na segunda seção, *“Você está seguro: Viena como área de trânsito durante a crise de refugiados”*, Anne reflete sobre seu tempo como voluntária durante o grande movimento de refugiados em 2015. Dada a pequena dimensão da Áustria, uma quantidade considerável de refugiados a escolheu como país de destino. A maioria das pessoas recém-chegadas foram acomodadas em abrigos de emergência. Assim, Anne descreve algumas de suas experiências com a intenção de ilustrar os desafios atuais na Europa.

Na terceira seção, *“Minha loucura vem dessa espera”*, Ethel descreve a nossa visita em um desses abrigos. Ela lança luz sobre alguns aspectos do cotidiano dos refugiados que vivem em um abrigo provisório, com quase nenhum lugar para a intimidade e a vida privada. Conforme ela demonstra, os refugiados têm de esperar lá para o processo de asilo, que às vezes leva anos para ser concluído. Durante esse período de espera, eles não têm permissão para trabalhar.

Na quarta seção, *“inclusão de refugiados na Áustria – entre a hostilidade e o comprometimento”*, Katharina aborda o tema sob um ângulo diferente. Com base

em seu projeto de pesquisa, ela destaca o processo de inclusão de refugiados em comunidades menores. Seu foco está em refugiados que já receberam um *status* positivo de asilo.

Por fim, na quinta e última seção, tentamos resumir a nossa pequena excursão ao mundo precário vivido pelos refugiados que vêm para a Europa. Em seu conjunto, o texto forma um mosaico que é resultado de uma breve reunião de nós três em meados de julho de 2016.

1 – Viena como chegada, transferência e cidade de partidas – passado e presente

A migração em Viena tem uma longa história que remonta a época em que a cidade foi a capital do Império Austríaco-Húngaro. Em 1900, cerca de 1/3 dos habitantes eram migrantes (primeira e segunda geração) de regiões não germânicas do império (JOHN, 1996, p.138). Alguns dos testemunhos frequentemente citados sobre o impacto da presença de migrantes em Viena provêm de sobrenomes tchecos, eslovacos, húngaros e poloneses inscritos em placas de porta vienenses, bem como em lista telefônica. Já naquela época, Viena se assemelhava a um mosaico, onde coexistiam diferentes grupos étnicos (ibid., P.138). Todavia, esta coexistência não estava isenta de tensão, uma vez que migrantes não germânicos sofriam uma enorme pressão para assimilar a cultura germânica local.

A migração interna não era a única forma de migração no Império Austríaco. Havia também um grande fluxo de sua população para fora do território. A partir do século XVIII, contingentes populacionais do Império Austríaco migraram para a América do Norte. De 1890 a 1914, cerca de 15 milhões de pessoas foram para os EUA. Mais de 20% eram provenientes do Império Austríaco (STEIDL, 2001, p.289).

A Primeira Guerra Mundial desencadeou um enorme movimento de migração forçada. Em novembro de 1914, Viena contava com cerca de 140 mil refugiados - principalmente judeus - de Bucovina e Galiza²; Na virada do mesmo ano, o número de refugiados aumentou para cerca de 200.000 (RAUCHENSTEINER, 2013, p.841). A acomodação desta enorme quantidade de refugiados, que muitas vezes não contavam com recurso financeiro algum, foi um grande desafio para o império. A Primeira Guerra Mundial trouxe o fim do império e o estabelecimento de uma série de novos Estados-nações na Europa. Na Áustria, tornou-se menos pronunciado em geral, porque muitos imigrantes a deixaram após a Primeira Guerra Mundial e uma parte dos refugiados foi repatriada. Apesar das altas taxas de migração de retorno, o patrimônio histórico multiétnico do império permaneceu vivo em Viena. Comparada com

a composição “média européia” dos habitantes vienenses - as províncias eram mais homogêneas.³

Esta não era a única diferença entre Viena e o resto do país. Entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, Viena realizou, no período de 1919 a 1934, uma enorme experiência societal - hoje em dia chamado de “Viena Vermelha”. O experimento sócio-político nesse período abraçou e reformou todas as esferas da política social – saúde, educação e a habitação social. A cidade construiu cerca de 400 complexos habitacionais em toda a cidade, que reúnem mais de 64.000 apartamentos para a classe trabalhadora⁴. Jardins de infância, bibliotecas, clínicas médicas, teatros e outras instalações cooperativas foram incorporadas nos blocos de apartamentos novos.

Este período notável na história de Viena terminou em 1934 com o austro-fascismo, seguindo pelos sete anos do regime nazista (1938-1945). Entre as duas guerras mundiais houve uma emigração considerável da Áustria. Primeiro mais por razões econômicas do que por opressão política do “regime fascista”. De 1919-19’37 mais de 80.000 austríacos deixaram o país em busca de novas oportunidades no exterior⁵. Durante a Segunda Guerra Mundial 128.000 judeus foram forçados a deixar a Áustria; cerca de 65.000 judeus foram assassinados (JANDL / KRALER, 2003). Em Viena há um memorial no *Judenplatz*, um lugar no centro da cidade, lembrando as vítimas do Shoá⁶.

Após a Segunda Guerra Mundial, Viena foi governada pelo partido socialista. Desde 1945 até hoje, o governo local prosseguiu com construção de habitação pública⁷. Atualmente, 1/3 dos habitantes de Viena vivem em apartamentos municipais. Na 2ª República, a habitação social era reservada aos cidadãos austríacos até que a lei europeia obrigasse a abertura de habitação social para cidadãos estrangeiros em todas as províncias austríacas em 2006 (REINPRECHT, 2006, p.).

Após a Segunda Guerra Mundial, cerca de 1,4 milhão de estrangeiros (trabalhadores estrangeiros, trabalhadores escravos, refugiados de guerra, prisioneiros de guerra e alemães étnicos de toda a Europa de Leste) encontraram-se em território austríaco (JANDL / KRALER, 2003). Cerca de 328.000 migrantes - a maioria de origem germânica - expulsos da Checoslováquia, Iugoslávia, Polônia, Romênia e Hungria - permaneceram na Áustria; Cerca de 80.000 deles se estabeleceram permanentemente em Viena (JOHN, 1996, p.143).

No período pós-guerra, a Áustria era um dos principais países de passagem para refugiados de países sob regime comunista, na Europa Central e Oriental. Em 1956, mais de 180.000 refugiados húngaros entraram na Áustria. A maioria deles foi redirecionada para outros países ocidentais. Todavia, 20.000 ficaram na Áustria. Movimento migratório similar foi a situação em 1968, quando

o levante checoslovaco chamado “Primavera de Praga” foi dispersado pela União Soviética. Cerca de 162.000 pessoas deixaram o território tcheco. E aproximadamente 12.000 refugiados se instalaram na Áustria (BAUER, 2008, p.5). Em 1981/82, o movimento *Solidarnosc* polonês falhou, o que trouxe de volta um grande número de refugiados para a Áustria (mais de 120.000), que usaram, o país, principalmente, como centro de passagem para os EUA, o Canadá e a Austrália (ibid.). Menos conhecida é a enorme quantidade de judeus da ex-União Soviética que migraram para a Áustria, Israel e EUA (cerca de 250.000 entre 1973 e 1989, ibid.). Como efeito secundário desta migração de trânsito, uma comunidade judaica estabelecida em Viena; Cerca de 500 famílias estabeleceram-se permanentemente no 2º distrito de Viena.

Na década de 1990, um grande número de refugiados fugindo da guerra da Iugoslávia solicitou asilo na Áustria. Entre 1992 e 1995 cerca de 90.000 pessoas da Bósnia-Herzegovina encontraram proteção na Áustria. O governo austríaco inicialmente lhes concedeu apenas um *status* de proteção temporária, mas ficou evidente que um regresso aos Bálcãs era quase impossível. Em 1999, 70.000 desses refugiados receberam residência de longa duração (JANDL / KRALER, 2003).

A Áustria não era apenas um país de passagem e/ou de destino para a migração forçada; O *boom* econômico do pós-guerra levou à crescente demanda de mão-de-obra na Áustria: Em meados dos anos 1960, a Áustria começou com o recrutamento de “trabalhadores convidados” provenientes da Turquia e da ex-Iugoslávia. Tal programa foi estabelecido com base na premissa de que os trabalhadores recrutados iriam ficar apenas por um curto período de tempo e depois retornarem para seus respectivos países de origem. Foram considerados como uma reserva de trabalhadores altamente disponível para atender as necessidades do mercado de trabalho interno. No entanto, uma parte significativa dos trabalhadores migrantes temporariamente recrutados não retornou. Pelo contrário, se instalaram na Áustria. Muitos deles, inclusive, ainda vivem em Viena.

Desde a adesão da Áustria à União Europeia (UE), a circulação migratória em território austríaco mudou substancialmente. Os principais grupos de imigrantes da UE são alemães e polacos, eles vieram principalmente por motivos econômicos ou porque estudavam na Áustria. Atualmente, Viena é uma cidade altamente pluralizada: 38,3 por cento dos vienenses têm origem estrangeira (nasceram no exterior e/ou têm nacionalidade estrangeira). Todavia, este montante não inclui os filhos de imigrantes, que nasceram na Áustria e têm a nacionalidade austríaca. Em comparação com os padrões históricos, os países de origem são mais diversos, incluindo pessoas de outras regiões distantes do mundo (ver Tabela 1).

Tabela 1: População vienense de acordo com origem (2016)

Lugar de nascimento e/ou nacionalidade	total	porcentagem
População Total	1.840.226	100,0
Austriacos	1.135.324	61,7
Estrangeiros	704.902	38,3
da EU/EFTA	285.507	15,5
de terceiro países	419.395	22,8
Sérvia	99.082	5,4
Turquia	76.363	4,1
Alemanha	55.361	3,0
Polônia	51.639	2,8
Bosnia e Herzegovina	40.387	2,2
Romenia	33.224	1,8
Croacia	26.125	1,4
Hungria	25.100	1,4
Eslováquia	17.692	1,0
Outros da EU/EFTA	76.366	4,1
Demais países da Europa	51.066	2,8
África	27.657	1,5
Ásia	101.512	5,5
América	14.666	0,8
Austrália e Oceania	1.008	0,1
Sem nacionalidade ou desconhecido	7.654	0,4

Fonte: Departamento Municipal 23⁸

“Você está seguro” – Viena como área de trânsito durante a “crise de refugiados”

“Você está seguro. Este é Nemsá (palavra árabe para Áustria). Alhamdulillah (graças a Deus) que você está aqui!” Esta foi provavelmente a palavra que eu mais usei, quando atuei enquanto voluntária responsável por receber refugiados nas estações ferroviárias europeias durante o período intensivo, hoje comumente conhecido como a “Crise de Refugiados na Europa”. Eu penso que apenas poucas pessoas vão esquecer dos dias dramáticos no final do verão do ano passado (2016). Na Áustria tudo começou com um caminhão abandonado em uma rodovia. No interior desse caminhão, a polícia austríaca encontrou 71 pessoas mortas. De repente, a morte de refugiados em suas jornadas migratórias chegou muito perto

de nossas casas. Este horrível episódio foi o principal motivo para uma grande manifestação em Viena, alguns dias depois, no dia 31 de agosto. O slogan “*Mensch Sein in Österreich*” (Ser um ser humano na Áustria) levou cerca de 20.000 pessoas às ruas exigindo uma mudança na política europeia para refugiados.

Poucos dias antes da manifestação, eu estava junto com meu marido e meu filho de quase sete anos de idade, quando voltávamos para casa depois de uma longa viagem de férias na Alemanha. Na estrada perto de Passau, uma cidade alemã perto da fronteira da Áustria, vimos grupos de refugiados caminhando pelo acostamento da estrada. Eu tinha certeza de que os atravessadores responsáveis pela travessia os haviam deixado lá. Eu disse para o meu marido e meu filho: “A União Europeia pode tentar defender as suas fronteiras e construir muralhas ao nosso redor, mas não podemos impedir que estas pessoas venham. É um direito humano básico para todos nós vivermos em segurança”. Era uma sensação opressiva ver pessoas caminhando no meio do nada.

De volta ao 31 de agosto: Como muitos outros vienenses, participei da mencionada manifestação junto com minha irmã. Saímos da manifestação antes que terminasse oficialmente e acompanhei minha irmã a *Wien Westbahnhof* (uma das maiores estações ferroviárias de Viena), onde ela tomou o metrô de volta para casa. Então eu percebi que centenas de refugiados chegaram a Viena, enquanto que do outro lado da estação ferroviária a manifestação ainda estava acontecendo. Esse povo veio da estação de *Budapeste Keleti*. Permaneceram ali durante vários dias, porque as autoridades húngaras impediram esses refugiados de continuar a sua viagem para a Europa Ocidental. Por fim, a Hungria os deixou prosseguir. Assim muitos refugiados embarcaram para Viena, Munique e Berlim.

Quando cheguei lá no início da noite, os ativistas refugiados já haviam organizado a primeira ajuda básica para as pessoas que chegavam: Pessoas recém-chegadas foram recebidas por intérpretes, que os informaram sobre os próximos passos (principalmente como chegar à Alemanha), mostraram onde poderiam obter alimentos e bebidas, artigos higiênicos, tratamento médico básico e informações sobre hospedagem. Centenas tiveram que dormir no *Westbahnhof* e continuar sua viagem no dia seguinte. Fui a uma loja ainda aberta e comprei comida e artigos sanitários básicos. Alguns voluntários me pediram medicamentos de uma farmácia noturna nas proximidades. Havia uma demanda grande por emplastros para amenizar as feridas nos pés desses refugiados, que haviam trilhado quilômetros ao logo de sua marcha pela Europa. Fiquei profundamente impressionada com a ajuda auto-organizada. A atmosfera era muito emocionante para todas as pessoas.

Os refugiados estavam totalmente exaustos. Alguns deles se recusaram a deixar os trens, porque estavam com medo. Os intérpretes tiveram que persuadi-los a mudar o trem para chegar ao seu destino, a “Alemanha”. Toda a situação era um pouco caótica e improvisada, mas funcionou incrivelmente bem. Todavia, esse dia era apenas uma pequena janela temporária para os refugiados. No dia seguinte, as autoridades húngaras fecharam novamente a estação ferroviária para refugiados. Por esta razão mais de 3.000 pessoas ficaram retidas na estação de *Budapeste Keleti*, um impasse que criou muita frustração entre aqueles impedidos de seguir viagem.

Muitos refugiados disseram-me mais tarde que já tinham comprado bilhetes para a Áustria ou a Alemanha, quando as autoridades se recusaram a deixá-los continuar viagens. O que se seguiu foi um conflito político durante dias sobre como resolver o problema dos refugiados. Nestes dias aconteceram muitos incidentes, que eu, pessoalmente, como uma europeia convicta, ainda acho muito embaraçoso para a União Europeia. Para mencionar apenas uma destas situações completamente intoleráveis: Depois de um dia e meio de espera, o governo húngaro abriu a estação ferroviária. Isso possibilitou com que muitos refugiados pudessem embarcar e seguir viagem para Sopron, cidade situada na fronteira austríaca. Entretanto, a polícia parou o trem em Bicske (apenas 37 quilômetros de distância de Budapeste) com a intenção de reter todos os passageiros em um centro de acolhimento de refugiados nas proximidades. Este “destino final” provocou protestos pesados entre os passageiros e criou imagens extremamente perturbadoras⁹.

As informações sobre este comboio, que se dirigia diretamente para um campo de refugiados, rapidamente chegaram aos outros refugiados ainda em espera em *Budapest Keleti*. Como resultado, milhares de pessoas decidiram deixar a Hungria e marchar em direção à fronteira austríaca, que fica a 150 quilômetros de distância. Esta marcha coletiva logo foi rotulada como “marcha da esperança” e reforça o argumento acerca do conceito de “autonomia migratória¹⁰” (PAPADOPOULOS e TSIANOS, 2013). Depois de todas as estratégias repressivas terem falhado, a Áustria e a Alemanha decidiram na noite de 5 de setembro abrir as suas fronteiras e receber os refugiados. No primeiro fim de semana que se seguiu a esta decisão histórica, mais de 15.000 refugiados passaram a fronteira austríaca no seu caminho para a Alemanha via *Nickelsdorf* (uma aldeia fronteiriça), Viena e Salzburgo. Apenas 90 refugiados solicitaram asilo na Áustria. Em setembro inteiro, mais de 170.000 pessoas se mudaram para a Alemanha via Áustria¹¹. Até ao final do ano de 2015, a Alemanha recebeu cerca de 1.000.000 de refugiados, 90.000 refugiados permaneceram na Áustria¹².



Figura 1: Refugiados a caminho de Munique, Wien Westbahnhof, 5 de Setembro 2015 (imagem: © Bwag/Wikimedia)

No entanto, estes são apenas números. Eles não revelam nada sobre experiências individuais. A seguir, descrevo algumas das experiências que recolhi nas inúmeras horas em que trabalhava na Wien Westbahnhof (estação oeste). Não apresentarei as minhas observações de forma sistemática, no entanto as minhas observações devem ilustrar alguns dos desenvolvimentos e desafios em curso na Europa.

Em Viena, haviam dois principais pontos de transição: *Wien Westbahnhof* (estação oeste) e *Wien Hauptbahnhof* (estação principal). Houve notáveis diferenças entre os dois pontos de transição. Em *Wien Westbahnhof*, a assistência aos refugiados foi organizada principalmente pela Caritas - uma organização religiosa. A ajuda na Wien Hauptbahnhof foi mais organizada de baixo para cima: começou com apenas um pequeno número de voluntários e cresceu até uma impressionante rede chamada "Train of hope" [Trem da esperança]. No Facebook eles tiveram 50.000 fãs. Todavia, a iniciativa não permaneceu apenas virtual, pelo contrário: milhares ajudaram por semanas e meses, organizaram uma equipe de mídia social, uma área de recreação infantil, contaram com médicos e advogados, Pontos de Informação, auxiliaram no reencontro de famílias separadas (o que ocorreu muito frequentemente!), ofereceram dormitórios, alimentos e roupas. Comparado com o trabalho das ONGs que estabeleceram normas e procedimentos rígidos, o "Train of Hope" foi definitivamente mais caótico, mas a hierarquia permaneceu plana e a atmosfera estava muito entusiasmada, apesar do estresse imenso e da enorme quantidade de trabalho. Então, o que vimos foi uma espécie de divisão entre "antigas" formas estabelecidas de voluntariado organizadas por ONGs e principalmente jovens organizados através de mídias sociais.

Como socióloga interessada nesse tópico, eu estava às vezes na *Hauptbahnhof* [Estação principal] apenas para observar o que estava acontecendo ou para trazer roupas e outras coisas necessárias para a sala de distribuição do "Train of hope". Entre outros, fiquei totalmente impressionada com um grupo de homens sikhs¹³, que serviam diariamente entre 4.000 a 5.000 porções de comida vegetariana para os refugiados. Eles se levantavam muito cedo todas as manhãs e preparavam grandes quantidade de comida em seu templo. Mesmo em tempos de enorme pressa, eles se mantinham muito amigáveis e calmos. Eu entrei em contato com eles via Facebook no dia 1 de dezembro e perguntei se eles poderiam nos ajudar em *Pfeiffergasse* para apoiar os refugiados lá com refeições, porque as autoridades não forneciam comida suficiente para os 300 refugiados que vivem lá. Cinco minutos depois, recebi resposta da comunidade sikh: disseram-me que, enquanto isso, cozinhavam no maior abrigo de emergência localizado num estádio desportivo e que já funcionava a plena capacidade. Mas prometeram entrar em contato comigo novamente.

Três dias depois, escrevi um e-mail para a autoridade do município de Viena, no qual me queixei, pelo fato de que os refugiados em *Pfeiffergasse* não recebiam comida suficiente e, assim, exigia apoio da cidade. Recebi uma resposta

sem sentido um mês depois: A pessoa responsável apresentou o argumento de que a cidade de Viena cumpre a quota de asilo em comparação com outras províncias e agradeceu-me pessoalmente pela minha ajuda. Qual o motivo de eu mencionar isso? Isto indica que a sociedade civil austríaca assumiu (e continua a fazê-lo) um monte de responsabilidades, o que normalmente deve ser feito pelas autoridades. Durante a “crise dos refugiados”, o nosso governo falhou em fornecer provisões básicas, o que mostra que estavam organizando um estado de emergência. Considero que o atraso dos Estados em relação aos refugiados, cada vez mais acompanhado por um endurecimento da legislação em matéria de asilo, é resultante dos altos índices de eleitores de direita na Áustria (e na Europa).

Apesar desta constatação sóbria, a “crise dos refugiados” também contém momentos positivos. Experimentei e observei a cooperação de diferentes pessoas: jovens trabalharam em conjunto com pessoas mais velhas, migrantes e não migrantes, pessoas de diferentes classes e com diferentes origens. Nem toda situação era harmoniosa. Muito pelo contrário, havia também muitos conflitos, mas todos nós tínhamos um objetivo comum: ajudar as pessoas durante sua estadia. Eu ainda me encontro e converso com alguns dos refugiados-tradutores de *Westbahnhof* por acaso, especialmente aqueles que vivem no mesmo bairro. De vez em quando, um egípcio mais velho me telefona, só para dizer olá e me perguntar o que está acontecendo. Estávamos classificando as miríades de roupas doadas em uma sala de armazenamento administrada pela Caritas no *Westbahnhof* durante o tempo de chegada dos refugiados. Trabalhando juntos por horas, surge espaço suficiente para conversas. Portanto, os centros de trânsito eram zonas de contato ideais para encontros interculturais.

Um dos meus primeiros encontros mais intensos com refugiados aconteceu na bilheteria da companhia ferroviária austríaca em 6 de setembro de 2016. Eu tinha que renovar meu cartão de trem porque um dia antes minha mochila foi deixada no ponto de entrega de bens para refugiados e, assim, foi entregue involuntariamente para um refugiado, que ficou com ela e minha carteira. No balcão, ouvi uma discussão entre um jovem refugiado e o oficial da companhia ferroviária. O refugiado tinha perguntado sobre uma cidade na França que começa com a letra “C”. Infelizmente ele tinha esquecido o nome da cidade. O policial respondeu e perguntou se o refugiado queria ir para Cannes, a cidade que abriga um festival de cinema internacional. Fiquei me perguntando sobre Cannes como destino, intervi e perguntei se o refugiado gostaria de ir para Calais. Calais é o principal ponto de trânsito para os refugiados que tentam ir para a Grã-Bretanha (GB), que é quase impossível de alcançar. O refugiado respondeu: «Sim, eu quero ir para lá.» O oficial disse-me que este homem tinha que ir para a estação ferroviária principal e que ele devia se apressar porque o próximo comboio partiria em breve.

Decidi levar o jovem para a outra estação. Ele estava feliz e me disse que iria com um grupo inteiro, com o qual caminhou junto na “marcha da esperança” de Budapeste para a Áustria. Ele buscou outros oito homens de diferentes idades,

um deles estava fisicamente incapacitado. Ele estava andando com muletas e estava em péssimas condições. Eu perguntei ao jovem, como ele poderia andar todo o caminho. Eles me mostraram como eles conseguiram lidar com esse desafio: Sempre dois deles estavam alternadamente carregando o homem com deficiência. Todos eles vieram da mesma aldeia na Síria. Antes de sua fuga, trouxeram suas mulheres, filhos e irmãos mais novos para um lugar mais seguro na Síria. Eles não queriam que fossem expostos à rota perigosa pelo Mar Mediterrâneo.

Tentei convencê-los a não ir para Calais. Como uma ativista, eu estava ciente de que o Reino Unido não os deixaria entrar no país. Em Calais muitos refugiados estão presos, esperando por qualquer chance para atravessar o Canal da Mancha. Um enorme e mais ou menos organizado acampamento chamado “a selva” surgiu lá. As condições na “selva” são descritas como intoleráveis. Eu disse-lhes que as condições são muito ruins lá. A “selva” é um dos símbolos do fracasso da política europeia de refugiados¹⁴. Eles estavam bem informados sobre a situação lá, mas eles estavam absolutamente inclinados a ir para o Reino Unido, pois algumas conhecidos e parentes já estavam em Londres. Levei-os até o trem e depois de dez dias recebi uma mensagem de texto do jovem: Ele e seu companheiro estavam em Calais, mas percebi que eles realmente não tinham chance alguma de chegar ao Reino Unido. Então, todos voltaram para a Alemanha e pediram asilo em Frankfurt, onde vivem alguns parentes de um deles.

Dois pontos são importantes aqui: Os primeiros meios de comunicação e os discursos públicos geralmente apresentam uma imagem unilateral dos jovens que vêm para a Europa. Eles os descrevem como jovens que buscam aventura, que não se preocupam com suas famílias deixadas para trás. As agressões sexuais em *Colônia* reforçaram estereótipos negativos em relação aos jovens refugiados¹⁵.

O que percebi é o seguinte: enviar jovens “fortes” é muitas vezes uma decisão da família por boas razões: A rota é perigosa, as mulheres e as crianças são mais vulneráveis durante a jornada. Além disso, os menores não acompanhados, que receberam asilo, são geralmente autorizados a trazer suas famílias através do direito de reunião familiar. Embora os refugiados tenham poucas opções em geral, as redes migratórias desempenham um papel importante nas suas decisões. Sempre que os refugiados são capazes de exercer um mínimo de escolha, eles seguem suas redes. Como forma de capital social, desempenham um papel importante para os refugiados, pois fornecem informações e apoio após a chegada. Sempre que perguntava às pessoas: “Por que você vai para Hannover, Munique, Bremen, Berlim e assim por diante?” Ouvi uma resposta semelhante: “Eu vou lá, porque já tenho parentes ou amigos lá”.

Como sou uma viajante regular em uma base regular, muitas vezes eu usei os trens superlotados para Salzburg durante estes dias. Sempre que possível falei com as pessoas e respondi as seguintes perguntas: “Quanto tempo leva para

Salzburgo? Até onde está a fronteira alemã de lá? A fronteira alemã está aberta? Temos que esperar muito tempo na fronteira? Existem rotas alternativas para a Alemanha? Nós não temos dinheiro para os ingressos, você acha que vamos ter problemas? É possível comprar comida e bebidas?” Um dia, no início da crise, eu estava num trem para Salzburgo, onde tive uma reunião profissional. A companhia ferroviária austríaca havia colocado dois compartimentos húngaros repletos de refugiados no trem austríaco. Havia um pai de família totalmente estressado em um dos compartimentos. Ele não sabia em que país ele e sua família estavam. Ele perguntava para diversos passageiros se estava na Áustria ou na Hungria, mas ninguém entendeu ou reagiu. Sempre que o trem parava em alguma estação, ele se encaminhava para as portas e olhava para fora.

Mesmo com minhas poucas palavras em árabe, eu procurava falar com ele. “Este é *nemsa*, você está seguro” e, então, aponte com meus dedos na tela e mostrei a ele onde estávamos. Também mostrei-lhe Salzburg perto de “Alemanha”. Ficou cada vez mais calmo. E lhe disse que também ia para Salzburgo e que poderia ajudá-lo e a sua família (esposa e quatro filhos) a encontrarem o caminho para a Alemanha. Um minuto depois, sentiu-se adormecido e começou a tremer.

Durante todo o tempo um jovem casal foi observar-me. Ambos eram húngaros também a caminho da Alemanha. Eles me perguntaram muito rude: “Por que você ajuda este povo ilegal. Se você ajudá-los, você é uma contrabandista. A polícia deve prendê-la.” Eu estava muito zangada e comecei a gritar com esses jovens. Lembrei-lhes que em 1956 180.000 pessoas da Hungria tiveram de fugir. E eu perguntei se eles eram todos “ilegais”. Eles me disseram que isso era diferente em comparação com hoje, porque os húngaros têm uma cultura semelhante. São europeus e católicos e não muçulmanos, que estão destruindo a Europa. Por isso, consideraram evidente que os austríacos ajudassem os húngaros. Eu estava realmente irritada com essa conversa, mas ela reflete a polarização na Europa.

Uma semana depois, eu fiquei muito feliz. Conheci uma jovem húngara muito simpática, que veio da Suíça para Viena. Ela tirou duas semanas de férias de seu trabalho, morou em um hotel perto da *Westbahnhof* e trabalhou todas as duas semanas como voluntária em ambas as estações de trem. Ela me explicou sua principal motivação com as seguintes palavras: “Sinto-me muito envergonhada pelo meu país e odeio como os húngaros tratam os refugiados. Então eu decidi vir aqui para ajudar, depois que eu vi todas essas fotos na TV.” Lembro me que trabalhamos juntos no seu primeiro dia, tivemos que fazer um trabalho muito duro. Mais de 1.200 pessoas estavam dormindo em uma casa vazia diretamente na estação de trem. Tínhamos que resolver problemas com cobertores que os refugiados usavam durante a noite e jogar fora aqueles que estavam cheios de excrementos, porque havia apenas três banheiros para todas essas pessoas! (Mais tarde, as autoridades forneceram banheiros móveis). Ajudamos a limpar a casa, bem como a estação ferroviária. Foi um trabalho pesado e depois de três

horas ela começou a chorar. Ela me disse que respeita muito o trabalho que estávamos fazendo, mas que estava um pouco chocada.

Na TV, ela só viu voluntários se hospedarem nas plataformas de trem e dar comida e bebidas aos recém-chegados ou brincar com crianças. Ela não sabia que antes há muito trabalho duro para fazer, como, por exemplo, a classificação prévia de roupas doadas em um armazém antes de serem redistribuídas. Muita gente estava trabalhando sem parar. Alguns inclusive se esqueciam de beber e comer. Após os primeiros dias, a Caritas “forçou” os voluntários a escrever o início do seu tempo de trabalho nos crachás e, se as pessoas trabalhassem demais, elas seriam persuadidas a ir para casa descansar. Eu fui mandada para casa um dia por um assistente social, porque eu estava totalmente exausta. Um motorista de táxi entregou um bebê para mim na sala de doação e eu não consegui encontrar os pais do bebê por aproximadamente uma hora. Isto foi depois de um longo dia de trabalho. Na “alta temporada”, foi realmente estressante. Um dia, registrei em meu caderno de notas: “Hoje tenho a sensação de que não poderemos administrar essa enorme quantidade de pessoas.” Isso foi durante o tempo em que a Alemanha começou a controlar a sua fronteira e permitiu apenas a entrada de uma certa quantidade de pessoas por dia. Tivemos uma enorme pressão de retorno na Áustria. Os refugiados estavam muito inseguros sobre esta nova situação e era difícil informá-los adequadamente.

De volta à jovem húngara: levei-a para a plataforma e ela estava oferecendo comida e chá aos refugiados, pelo menos ela teve seu “momento com refugiados” depois de todo o trabalho duro. Eu a vi muito frequentemente nos dias seguintes e ela trabalhava onde quer que fosse necessário. Ela arrumou roupas e auxiliou bastante na limpeza. Depois de alguns dias ela mudou para a estação principal e trabalhou com os outros jovens de “Train of Hope”, ela estava muito feliz lá.

Muitos vienenses tiveram seu “momento com refugiados”, que eu chamei de encontros diretos com refugiados. Meu filho começou sua carreira escolar uma semana após a abertura da fronteira. Sua escola está localizada atrás do *Westbahnhof*, então cruzamos a estação de trem duas vezes por dia. Ele viu todos esses refugiados e especialmente as crianças que o preocupavam muito. Estávamos falando muito sobre eles e por que eles estão aqui e como podemos ajudar. Depois do primeiro dia de escola, voltamos para casa, mas ele queria voltar para a estação. Ele decidiu doar todo o seu dinheiro de bolso e embalar todos os seus pequenos carros e outros brinquedos para as crianças. Muitas vezes ele me pediu para comprar coisas pequenas para as crianças, carros pequenos para os meninos e bolhas de sabão para as meninas. E ele percebeu que eles são diferentes dele por causa da jornada migratória. Às vezes ele me perguntou por que eles são tão calmos e eu expliquei que eles tinham que ser funcional durante a migração e que eles vêm de um país devastado pela guerra. Ambos percebemos que era possível ver suas experiências através olhos, não apenas nos olhos das crianças, também nos olhares dos adultos. Até hoje ainda me lembro dos olhos de muitas pessoas.

Prólogo – A situação hoje

O que vivenciamos atualmente é a mudança de respostas emergenciais para um discurso de inclusão à longo prazo. Ainda há muitos voluntários bastante ativos. Eles oferecem uma ampla gama de “serviços”. Eles ajudam com exercícios escolares, formação linguística, acompanhamento médico, procedimentos administrativos e assim por diante. Porém, no momento, muitas pessoas estão frustradas: o governo austríaco está deportando centenas de pessoas, que vieram no ano passado durante a crise através da Croácia. O governo austríaco argumenta que a Croácia é responsável pelo procedimento de asilo destas pessoas devido ao Regulamento Dublin III. O objetivo do presente regulamento é determinar o Estado responsável pelo procedimento de asilo. De acordo com esta lei, normalmente o Estado é responsável, quando o requerente de asilo entrou pela primeira vez na UE. Relativamente à rota dos Balcãs, a Croácia é responsável pelo asilo. Ainda não está certo, se Dublin III é aplicável às chegadas do ano passado (2015). Alemanha e Áustria abriram as fronteiras, de modo que a chegada dificilmente pode ser considerada como entrada “ilegal”. Isto deve ser resolvido pelo tribunal europeu, e todos estamos à espera da decisão dos tribunais.

Os refugiados deportados viviam na Áustria quase por um ano: encontraram novos amigos, construíram relacionamentos, aprenderam alemão, visitaram escolas e deram os primeiros passos na Áustria. Agora eles são forçados a ir embora e começar de novo. No dia 26 de novembro houve outra manifestação em Viena. O lema desta demonstração é “Deixe-os ficar”. Ainda há muito trabalho político a fazer na Europa. Os movimentos de direita estão ameaçando nossa herança humanista. Com certeza, não é uma tarefa fácil incluir tantos recém-chegados. Incidentes como as agressões sexuais em Colônia ou ataques terroristas são emblemáticos para os enormes desafios. É essencial que a Convenção Europeia dos Direitos do Homem continue a ser a base da nossa europeidade; Portanto, precisamos realmente de soluções políticas boas e humanas e não o estabelecimento de novas muralhas em torno de nossos países.

2 - O cotidiano em um abrigo emergencial em Viena (Ethel)

“Esta espera me deixa louco!” (um iraquiano refugiado)

Anne e eu nos encontramos na Universidade de Viena, e de lá pegamos um metrô para irmos até a Casa *Pfeiffergasse*, localizada na rua do mesmo nome, em um bairro de imigrantes no 15º Distrito (a Áustria é dividida em Distritos). O edifício de quatro andares tinha sido uma fábrica antes de se tornar uma Casa ou um abrigo para refugiados. O prédio é pintado no exterior e no interior de verde. Do lado de fora do prédio, há alguns bancos e uma mesa feitos à mão. Haviam jovens sentados ali e conversando. Entramos no edifício. No lado

esquerdo encontra-se a secretaria, onde os assistentes sociais trabalham. Depois da secretaria, há um refeitório onde as pessoas tinham acabado de comer, e algumas mulheres conversavam. As mesas e o chão ainda não tinham sido limpo. Ao lado do refeitório, na parede entre a porta e a porta da cozinha, havia um quadro feito de madeira e coberto de vidro com os nomes dos voluntários para a limpeza, preparo do alimento e outras atividades.

Quando chegamos, às 13h00, fomos para a cozinha, onde nos sentamos em uma pequena mesa. Algumas pessoas estavam terminando de comer. Então, Saddam, um refugiado de Bagdá, disse “*Olá*” para Anne, e eu fui apresentada a ele. Ele nos perguntou se gostaríamos de comer. Eu disse que sim, e então ele faz um grande prato com arroz e um pequeno pedaço de carne. A comida estava saborosa, mas Anne não comeu, pois já havia almoçado. Saddam era um ex-policial no Iraque. Veio para a Áustria e deixou sua esposa e cinco filhos para trás. Sua filha mais nova era uma menina que ele ainda não conhecia. Ela havia nascido há alguns meses e Saddam vivia no abrigo há nove meses e, até o momento, não tinha sido convocado pelas autoridades austríacas para dar início ao seu pedido de asilo. Ele nos disse que esse longo tempo de espera o deixava louco.

Se ele fosse sírio, seria mais fácil, de acordo com Anne, que afirmou que a Alemanha e a Áustria aceitam refugiados sírios com maior facilidade do que pessoas de outros países. Anne também disse que a “reunião familiar” (reagrupamento familiar) tornou-se muito difícil agora. Membros da família de refugiados reconhecidos na Alemanha têm de esperar para visto nas agências diplomáticas alemãs no exterior; No Líbano, por exemplo, os membros da família têm de esperar 15 meses para obter o visto. Na Alemanha, o governo instituiu uma nova lei de asilo na primavera de 2016: O reagrupamento familiar é suspenso para menores não acompanhados, exceto em casos individuais severos. A reunião familiar também é interrompida nos próximos dois anos para as pessoas que obtiveram proteção subsidiária. “Reunião familiar” significa que o chefe da família, em algum momento com um filho mais velho, migra primeiro e depois que ele ou eles obtiveram o asilo, ele pede reunião familiar. Se isso era um sinal de humanidade, infelizmente não é mais. Os governos austríaco e alemão não se preocupam com o infortúnio dos refugiados e suas famílias deixadas para trás.

Era comovente a situação de Saddam, magro, com um grande bigode, e muito ansioso. Então eu comecei a olhar para as pessoas e tentar descobrir suas nacionalidades. Havia dois homens da África, de que países eu não sei. Então um menino de seis anos de idade, muito bonito e esperto veio e Anne disse: “*Wie gehts?*” (Olá, como você está?). Ele responde. Sua mãe veio buscá-lo. Sua mãe veio sozinha com ele. Anne disse que eles pertencem a um grupo minoritário que vive no Oriente Médio e que eles não são aceitos no país onde vivem. O caso de uma mulher sozinha com seu filho não é garantia de obter asilo, especialmente se eles não são sírios.

Anne observou que é comum que as famílias enviem o chefe da família e o filho mais velho, mesmo que ele seja uma criança. Ela lembrou o caso de um

refugiado que veio com seu filho de seis anos. Cada vez que ela trabalhava no abrigo, o menino pulava em seu colo e beijava seu rosto sem parar. Ela concluiu que ele deveria sentir falta de sua mãe.

O abrigo começou como uma casa de emergência em novembro de 2015, e não estava tão bem equipado no início. O abastecimento com alimentos foi um dos principais problemas. O exército trazia o café da manhã incluindo chá e jantar. A comida era às vezes demasiadamente salgada e os refugiados não podiam comê-la. Além disso, quase nenhum carboidrato era servido. Os austríacos doaram comida para o almoço. Mas o que significa três pepinos para mais de trezentas pessoas? Os refugiados ficaram chateados uns com os outros em relação à falta de comida. Devido a esta situação difícil, a Caritas decidiu obter a comida do seu próprio hotel chamado Magdas, que é administrado enquanto um negócio social. O próprio hotel entrega a comida para o abrigo. Em março, a Caritas decidiu instalar uma cozinha real e eu vi vários fogões elétricos com pessoas trabalhando. A comida era então colocada em grandes recipientes em uma longa mesa coberta com um pano e cozinheiros serviam os refugiados. Além de arroz e carne, eu vi pão e iogurte árabe. Entretanto, poucas pessoas comiam.

Em 2014, cerca de 28.000 pessoas estavam esperando pelo visto de asilo na Áustria. Esse número cresceu para 90.000 em 2015. Quando a “crise de refugiados” começou em setembro de 2015, a Áustria era o principal país de trânsito para refugiados que se deslocavam para a Alemanha ou Suécia. Não há números exatos, mas, segundo jornais, cerca de 600.000 pessoas passaram pela Áustria com destino para a Alemanha ou Suécia entre setembro e dezembro de 2015¹⁶.

Devido ao grande fluxo, a Alemanha introduziu controles nas fronteiras, em meados de setembro de 2015, para abrandar a entrada de refugiados, o que levou o número de asilos a aumentar na Áustria entre os meses de outubro e novembro de 2015. Tal situação representou um enorme desafio para a Áustria no que diz respeito a acomodação. Nesse período, muitos abrigos de trânsito e “abrigos de emergência” foram instalados. Nestes abrigos, criados por ONGs e voluntários, as pessoas podem permanecer por apenas alguns dias (no máximo 14 dias) e depois são remanejados para lugares melhores, situados nas províncias federais. Entretanto, na prática, eles permanecem muito mais tempo nestes locais, como as províncias federais não concedem lugares suficientes. Das nove províncias, Viena é a única a cumprir a regra de cotas. Assim, os requerentes de asilo que chegam enfrentam dificuldades em obter cuidados básicos fora desses abrigos de emergência¹⁷.

Atualmente, no abrigo *Pfeiffergasse*, referido por Anne como um abrigo para refugiados, existe um novo projeto para mulheres. Ele convidam mulheres da vizinhança para assar bolos. Os voluntários também estabeleceram um impressionante programa de aprendizagem para as crianças em idade escolar. De segunda a sexta feira voluntários oferecem aulas de reforço para as crianças em idade escolar. Eles fazem a lição de casa juntos e ensinam alemão. No verão,

não há programa de aprendizagem, mas eles oferecem atividades de lazer para as crianças que vivem lá. Uma semana antes do início da escola (última semana de agosto), esses voluntários darão início a um novo programa de aprendizado, para que as crianças estejam bem preparadas para o início da escola em setembro.

Às 14 horas, Katharina Auer chegou para o nosso encontro no abrigo. Ela falou-nos sobre o seu projecto de pesquisa, que visa incluir aqueles que podem permanecer na Áustria. Ela comentou sobre seu projeto que propõe incluir refugiados em pequenas cidades, no interior da Áustria. Ela observou que a prática de inclusão poderia ser boa para os refugiados e para a comunidade. Os refugiados sírios poderiam ser aceitos após 2 ou 7 meses. No entanto, as pessoas do Iraque, Afeganistão, Paquistão e Irã tiveram muita dificuldade para obter asilo. Segundo ela, muitos dos refugiados recebem apenas proteção subsidiária:

Se, durante o processo de asilo, as autoridades chegarem à conclusão de que não existem razões para a concessão de asilo, de acordo com os artigos 2 e 3 da Convenção Europeia dos Direitos Humanos, a proteção subsidiária deve ser concedida se houver uma ameaça de tortura, de penas ou tratamentos desumanos, degradantes, ou ainda no caso de grave perigo para o corpo e o direito à vida em situações de conflito (por exemplo, em guerra civil). Em oposição ao status de asilo, a proteção subsidiária é concedida por um período limitado; Primeiro por um ano e após a primeira extensão por dois anos¹⁸.

Reunião de família só é possível após a primeira extensão

Katharina contou-nos sobre uma mãe chechena de cinco filhos que recebeu cerca de 300 euros do governo. Ela não solicitou asilo, apenas proteção subsidiária¹⁹. De alguma forma, ela era capaz de comprar um apartamento. Depois que o governo parou de lhe dar essa quantia mensal, ela conseguiu auxílio da “Diakonie”, uma instituição da igreja evangélica. Ela tem uma rede familiar na Baixa Áustria que provavelmente deve ter ajudado. Segundo Katharina, existem outros casos semelhantes como este.

Na Áustria há também muitas solicitações de asilo negadas. Para o governo austríaco isso causa problemas porque alguns dos países de origem não se preocupam em receber de volta sua própria população. Não há medidas de integração para os requerentes de asilo recusados, por exemplo. Eles não estão autorizados a trabalhar.

Como a Áustria é uma federação, as províncias têm suas próprias leis para a segurança social. Na Áustria, as pessoas que não trabalham recebem uma renda básica mínima das províncias. Quatro províncias se recusam a pagar essa renda mínima para pessoas com proteção subsidiária. Então, se este povo não encontrar um emprego ou não tiver redes sociais, eles devem de se deslocar

para outras províncias. Os refugiados sírios têm que esperar por volta de 2 a 3 anos até que consigam todos os seus papéis. Durante este tempo eles não estão autorizados a trabalhar. A educação pública é oferecida para crianças de seis a quinze anos. Se uma criança é mais velha, ela não pode frequentar a escola

Katharina vive em sua cidade natal St. Pölten, a capital da Baixa Áustria. O partido conservador domina esta província. Não há jardim de infância público para crianças com menos de 2 anos de idade, e ela tem que trabalhar. Existem apenas dois jardins de infância privados na cidade, que são muito caros (cerca de 450 - 800 Euros para período de tempo integral). As mulheres são estigmatizadas se vão trabalhar, antes que seus filhos tenham 2-3 anos de idade. Existem creches públicas que recebem crianças a partir de 2 ½ - 3 anos por meio período. Há também algumas creches públicas que recebem crianças por período de tempo integral (até 4 horas). Mas, você tem que pagar por isso. Os privados são muito caros. Anne disse que teve sorte de ter um lugar para seu filho quando ele era um bebê na creche universitária, que é financiada pela cidade de Viena. Em Viena, jardins de infância são gratuitos, as pessoas só pagam pelo o almoço. As províncias são responsáveis pela regulação das taxas de seus jardins de infância. O filho de Anne permanece na creche de 9 às 16 horas diariamente, exceto às sextas-feiras, que é das 9 às 15 horas. Ela pagou apenas por sua comida.

A maioria dos refugiados são homens jovens com idade entre 18 e 27 anos. Eles chegaram sozinhos e não têm uma família nuclear parental. Eles deixaram os pais e irmãos em casa. Às vezes, um jovem perseguido na Síria migrou para a Turquia, onde permaneceu por 4 anos, e depois chegou à Áustria aos 25 anos. Outros casos, jovens saíram da Síria e foram para o Líbano, depois retornaram a Síria e finalmente foram para a Áustria. Isso significa que a migração para a Áustria nem sempre é direta da Síria.

Para os refugiados reconhecidos, a reunião de família ainda é possível, mas o tempo de espera é muito longo (mais de um ano!). Na Alemanha, a reunião familiar é interrompida imediatamente para os refugiados menores (exceto em casos graves) e para as pessoas com proteção subsidiária. Na Áustria, o reagrupamento familiar é possível para pessoas com proteção subsidiária, mas só após a primeira prorrogação após um ano. Anne recordou um caso de um menino de 9 anos que chegou sozinho. Ele partiu com seu tio de 18 anos, que desapareceu no caminho. O menino tem vivido numa casa para menores.

Katharina considera que os refugiados podem ser afortunados se encontrarem a pessoa certa, ou desafortunados se não a encontrarem. Ela se referiu a um jovem que veio da Síria, via Turquia, e depois para a Áustria. Ele encontrou uma mulher em um abrigo de emergência na Baixa Áustria que o ajudou. Atualmente ele é um *housemaster*, cuida de outros refugiados, faz palestras sobre a Síria e também atua como intérprete.

Em relação à minha pergunta sobre o preconceito contra os muçulmanos, Anne disse que a religião muçulmana foi reconhecida há muito tempo quando a Bósnia foi incorporada ao Império em 1912. Isso significa que, de um ponto

de vista institucional, a Áustria está acostumada à religião muçulmana. Mas, há preconceito na vida cotidiana. A partir de setembro de 2011, a islamofobia aumentou fortemente na Áustria²⁰. Eu também perguntei a Anne o motivo de algumas garotas usando seus cabelos cobertos com um cachecol no abrigo. Ela disse que talvez tenha relação com o fim do Ramadã, quando as pessoas se sentem mais religiosas e gostam de declarar sua fé. Uma hipótese que se levanta é de que, a importância da religião talvez cresça com o longo período de espera e a perspectiva incerta dos requerentes de asilo.

Katharina disse que na Baixa Áustria os refugiados trabalham por 100 Euros mensais fazendo trabalhos públicos, como a limpeza das ruas. Além de ganhar dinheiro, é uma forma deles se manterem ocupados. Anne disse que na década de 1920, no período entre guerras, muitas pessoas perderam seus empregos²¹.

Em relação ao fato de que tantas pessoas vivem juntas em um pequeno espaço, Anne disse que não há lugar para lidar com os conflitos familiares. Não há privacidade. Em seguida, arquitetos vienenses (oficialmente chamados Caramel Architects²²) tinham a ideia de fazer grandes guarda-chuvas, a fim de dar um pouco de privacidade para as famílias. Mas não foi suficiente. As mulheres costuravam pedaços de tecido onde quer que tivesse tecido, do guarda-chuva ao chão. Um jovem iraniano que estudou arquitetura mencionou que não gosta dos guarda-chuvas porque quer ver seus amigos e que não gosta da cor verde. Ele tem uma forte preferência por paredes feitas de chapa e sugeriu a Caritas para fazer este tipo de paredes.

Algumas famílias mantêm limpo o seu pequeno lugar, enquanto outros não se importam

Anne conduziu-nos para ver o edifício. Levou-nos ao elevador, que estava funcionando, e 2 ou 3 meninas entraram. Nós acessamos o segundo piso, onde vimos salas de aula para crianças e adultos para aprender alemão. As aulas ocorrem no período da manhã. As crianças com mais de 6 anos de idade frequentam uma escola pública perto do abrigo. À tarde, elas brincavam com voluntários na sala de aula. As aulas de alemão na parte da manhã são a única atividade que os adultos têm. O dia deve ser muito longo, sem qualquer outra coisa a fazer a menos que tenha algum tipo de trabalho voluntário no abrigo. Também vimos um quarto para reuniões. No canto havia uma espécie de portão, no qual as pessoas podiam manter sua privacidade para votar e eleger seus representantes.

De acordo com Anne, as pessoas que vivem em *Pfeiffergasse* recebem um pequeno “dinheiro de bolso” (40 euros por mês para cada família). Eles possuem o *Green Card*, o que significa que eles estão restritos a uma determinada área e que eles não estão autorizados a viajar na Áustria. Normalmente, este procedimento deveria ter sido feito nos Centros de Recepção Inicial (Traiskirchen, Thalham²³). Mas desde o verão de 2015, *Traiskirchen* ficou completamente sobrecarregado. Centenas de pessoas estavam dormindo nas ruas no verão

passado, porque o governo austríaco não conseguiu abrigo para as pessoas que chegavam recentemente. Os habitantes da Pfeiffergasse recebem um cartão verde, o que significa que continuam a ser objecto de um pedido de asilo e não do procedimento regular de asilo, cujo cartão de identificação é branco.

Depois de visitar as dependências do abrigo, exceto o último andar, que é privado para as famílias. Voltamos para o corredor onde as pessoas cozinham e comem. Um homem refugiado que estava cortando uma melancia grande deu a cada um de nós um pedaço e, em seguida, sorvete. Então Anne foi para a pequena sala onde os assistentes sociais fazem o seu trabalho. Eventualmente Reinhard Malidus veio falar conosco. Ele é um cuidador. Caritas pagou todos os assistentes sociais e secretários. Ele sentou-se conosco ao redor da pequena mesa. Próximo a nós, uma mulher grávida tricotava. As crianças costumavam ir e vir. Uma menina com um rabo de cavalo veio dirigindo seu irmãozinho em uma espécie de carro de brinquedo. Eu perguntei “*Wie geht es Ihnen? (Como você está?)*” Ela me corrigiu: “*Wie geht’s?*” Meu alemão não era bom em tudo. A primeira forma é para adultos e a segunda para crianças.

De acordo com Reinhard, o abrigo foi aberto em novembro de 2015 e abrigava 290 pessoas. Agora tem 250 pessoas, entre elas 50 homens solteiros e 80 crianças. Entre estas crianças, 4 são bebês, incluindo um conjunto de gêmeos. Eles nasceram depois que suas famílias chegaram. O abrigo oferece comida, um lugar para dormir, aulas de alemão e atividades para crianças. Reinhard coordena os voluntários para manter a casa viva. Quando eu estava lá, vi um homem pintando as paredes.

Os conflitos entre as famílias são devidos ao *stress* gerado pela espera da entrevista, às preocupações sobre seu futuro e ao fato que estão comprimidos em um espaço pequeno. Certamente o trauma da guerra é uma grande causa de *stress* também. As pessoas ficam com raiva por pequenas razões. Alguns reclamam, outros se recusam a fazer seu trabalho voluntário. São pessoas muito diferentes que foram colocadas juntas. A cada dois meses as pessoas têm eleições para votar pelos seus representantes. Desde março eles têm, ao menos, sete pessoas responsáveis pela culinária. Três pessoas responsáveis pela cozinha eram cozinheiros profissionais antes de deixar seus países. Desde março começaram a cozinhar na casa, antes que os militares e Caritas trouxessem comida. Atualmente eles cozinham 5 dias por semana e a comida de fim de semana vem de um pequeno hotel, que é administrado pela Caritas.

Embora eu tenha passado apenas uma tarde no abrigo de emergência em *Pfeiffergasse*, a minha observação, combinada com o conhecimento de Anne e os comentários de Katharina, permitiu-me inferir que as vidas diárias dos refugiados seguem o mesmo padrão, um dia é semelhante ao seguinte.

Viver em um abrigo em massa por um período de tempo desconhecido, como é o caso dos refugiados em *Pfeiffergasse*, lembra-me do trabalho de Goffman (1961) sobre “instituições totais”. As pessoas sob essas condições de vida enfrentam uma situação semelhante: perderam sua identidade, sua língua, seu *status* social, sua casa e sua própria cultura. Eles também perderam sua

privacidade devido ao fato de viverem em um abrigo em massa. Embora tenham um lugar para dormir e acesso a comida e um subsídio de 40 euros por família - dinheiro de bolso - eles têm de obedecer as regras estritas do governo como candidatos para asilo. Eles não têm direito livre de movimento, eles são restritos ao bairro onde o abrigo está localizado. Eles estão proibidos de trabalhar. Em última análise, eles são privados de sua liberdade.

Exceto por algumas aulas de alemão na parte da manhã, e para aqueles que fazem tarefas domésticas como voluntários, eles não têm nada a fazer. Não é que eles tenham lazer. A ociosidade é o que eles têm. Em uma sociedade que avalia positivamente quem trabalha, aqueles que são ociosos, mesmo contra a sua própria vontade são considerados destituídos de valor. Depois de viver nessas condições por alguns meses, eles provavelmente poderiam internalizar esse sentimento degradante.

Embora as pessoas que trabalham ou se voluntariam no abrigo visitado procurem fazer o melhor que podem para que os refugiados se sintam confortáveis e ensinar-lhes algumas regras da democracia ocidental, viver em uma instituição pode afetar o bem-estar das pessoas, mesmo depois de todos os perigos já enfrentados. Eles fugiram de seu país devastado pela guerra e caminharam muitos quilômetros de distância em busca de segurança. A memória de tudo o que eles deixaram para trás, como família, amigos, vizinhança pode ser muito dolorosa. Acrescente-se a isso as perdas, experiências em seu caminho para a Europa. Nesse sentido, viver em um abrigo, com todas as limitações, pode afetar sua saúde mental.

Além da ociosidade, eles têm um forte sentimento de ansiedade devido ao seu futuro desconhecido. Eles não têm idéia de quando serão chamados para uma entrevista, a fim de iniciar o processo que poderia levar ao asilo ou proteção subsidiária. Aqueles que foram rejeitados como solicitantes de asilo enfrentam uma situação muito difícil. O seu país de origem recusa-se a enviar ajuda para eles, e eles são proibidos de trabalhar na Áustria.

Em Julho de 2016, o governo austríaco decidiu prolongar a escolaridade obrigatória. Todos os adolescentes (incluindo os que têm um estatuto de residência permanente) têm de estar em educação ou estágio até aos 18 anos de idade. Os jovens menores que procuram asilo, que ainda aguardam as suas decisões de asilo, estão excluídos deste novo programa de formação obrigatória. Em vez de incluí-los no sistema regular de educação ou formação, serão concedidos cursos e cursos de alfabetização adicionais. A exclusão dos jovens requerentes de asilo é altamente criticada por ONGs.

3 - Inclusão de refugiados na Áustria – entre a hostilidade e o comprometimento (Katharina)

É um fato comum que a migração não é algo “novo” na Áustria. Em certos aspectos, os atuais movimentos migratórios diferem dos históricos: a Áustria é um

dos países europeus que acolhem cada vez mais migrantes de países geograficamente mais distantes (CAIKA / DE HAAS 2014). Especialmente os migrantes forçados são mais diversos em termos de origem do que nas décadas anteriores.

Devido a um processo de migração mais complexo e diversificado, as comunidades têm sido cada vez mais desafiadas quanto à questão do número de refugiados que podem abrigar e se podem desenvolver práticas precisas para tornar possível a inclusão. Considerando as atuais práticas de migração e a perspectiva de um aumento do número de refugiados que viverão em comunidades a longo prazo, as questões de inclusão na comunidade local tornaram-se mais importantes.

Muitos refugiados estão à espera de uma decisão sobre o asilo no momento e têm de enfrentar a incerteza porque poderão ser forçados a abandonar o país (quer em consequência de uma decisão negativa sobre o asilo quer devido ao Regulamento de Dublin, que já foi mencionado). Esta incerteza quanto ao futuro tem naturalmente um impacto quando se trata do processo atual de inclusão. A investigação sobre a integração dos migrantes e o processo político e societal baseiam-se no conceito terminológico de integração. No entanto, o conceito terminológico de inclusão social ainda não foi aplicado, o que pode ser atribuído à falta de clareza conceitual (SEIFERT, 2013, p.1). Esta falta de clareza analítica, assim como as definições não uniformes, foram proclamadas e criticadas no discurso científico (SEIFERT, 2013, p.1). (ATAC / ROSENBERGER, 2013)

Embora não haja uma compreensão consistente do conceito de inclusão, os acadêmicos concordam que o processo de inclusão não implica desempenho de ajuste apenas dos migrantes. Um processo alternativo de interação entre migrantes e sociedade de acolhimento é presumido (ATAC / ROSENBERGER 2013). O conceito de inclusão não significa a integração de indivíduos ou grupos em toda a sociedade (o que quer que seja), mas sim o processo de interação entre migrantes e sociedade de acolhimento (ver ATAC / ROSENBERGER, 2013, KORAC, 2003; NOACK, 2014). O processo de inclusão inclui uma abordagem multidimensional, como Korac descreve apropriadamente em um artigo sobre medidas de integração e apoio a fim de promover processos de inclusão (KORAC, 2003, p.54). Sua afirmação baseia-se na elaboração de Castles et al.

A integração não é um processo singular, estágio-seqüencial. Reconhecendo que a sociedade receptora não é uma entidade monolítica, Castles et al apontam que a integração consiste em conjuntos de processos sobrepostos que ocorrem de forma diferente em vários subsectores e esferas (KORAC, 2003, p. 54).

Brunner et al (1998) descrevem, com base nos achados empíricos de um projeto de pesquisa dos anos 90 sobre a inclusão de refugiados em pequenas comunidades, que esse processo é principalmente entendido como um processo unidimensional quando a população local o experimentou (BRUNNER et al., 1998, p.66). “O requisito primário para a obtenção de um estatuto integrado é - a

partir da perspectiva da população local - a vontade de integração por parte dos refugiados. (...) A integração é vista como um processo: a vontade demonstrada para não enfrentar o *status* de refugiado e a provisão de cuidados associada são exigências indispensáveis”²⁴.

Os atores da comunidade de recepção expressam atitudes apontando que o “bem sucedido” processo de inclusão também é de responsabilidade dos próprios refugiados. Atores da sociedade civil têm um papel proeminente quando se trata do processo de inclusão. As comunidades austríacas têm formado estruturas estáveis e métodos de trabalho. Uma pesquisa do Instituto GFK Áustria demonstra que, de 682 comunidades pesquisadas, 95% delas ajudam a apoiar e cooperar com os refugiados (GFK ÁUSTRIA, 2016, p.13). Para uma compreensão exata do processo de inclusão, cabe notar que isso (inclusão) ocorre entre migrantes e atores da comunidade de acolhimento durante o processo de interação.

Aqueles autores que trabalham sob um normativo implícito, baseado em Stephan Wolffs, compreendem “privates Helfen” (ajuda privada) como interação para a solicitude (WOLFFS, 1981, p.221). A “habilidade” de agir de forma apropriada quando se trata de ajudar, baseada na compreensão da sociedade estabelecida (ELIAS / SCOTSON, 1990) e de se apresentar neste papel, parece ser de primordial importância do que como necessidade de ajuda objetiva.

Hoff, Strotzka e Leupold-Loewenthal, já descritos em 1959, ao estudarem os cuidados de saúde mental dos refugiados húngaros, a devoção da população austríaca aos refugiados implicava a expectativa inconsciente de que esse grupo de pessoas se comportasse como crianças pobres e desamparadas. Se não fosse esse o caso, se os refugiados agissem espontaneamente de forma diferente do cumprimento das expectativas de papéis, uma agressão contra os refugiados emergiria quase que automaticamente. (Ver HOFF et al., 1959, página 94f).

Referindo-se aos acontecimentos atuais na Áustria, as primeiras investigações mostram que um processo similar está a tornar-se mais habitual. Os refugiados que estão começando a emancipar-se na comunidade, não sendo dependentes do apoio da comunidade de acolhimento, são confrontados com uma pequena aceitação da comunidade estabelecida (ELIAS / SCOTSON, 1990). Essas tendências são particularmente relevantes para a inclusão de refugiados e estão contra a intenção inerente de sua participação (e emancipação). Deste modo, torna-se evidente que o processo de interação entre migrantes e atores das comunidades de recepção (que pretendem apoiar os refugiados) não pode ser entendido como um serviço (provisão) *per se*, pois é acompanhado por várias condições. Já em 1999, o Conselho Europeu sobre Refugiados e Exilados postulou que o êxito do processo de integração e inclusão exige que a comunidade de acolhimento se mostre disposta a enfrentar as diferenças e as mudanças culturais (CONSELHO EUROPEU DOS REFUGIADOS E EXILES, 1999, p.2.): Do ponto de vista da sociedade de acolhimento, isso requer uma vontade de adaptar as instituições públicas às mudanças no perfil da população, aceitar

refugiados como parte da comunidade nacional e agir para facilitar o acesso aos recursos e ao processo de tomada de decisão.

Para lidar de forma construtiva com todos esses desenvolvimentos, um conhecimento específico é necessário. Na Áustria, foram iniciados os primeiros projectos (comparar ReKi²⁵, Kompa²⁶, Wir Zusammen²⁷, etc.) com o objetivo de apoiar a convivência entre os migrantes e a comunidade de acolhimento e, ao mesmo tempo, a integração e o processo específicos da comunidade. Do ponto de vista dos refugiados, para além das suas necessidades estruturais, tais como um estatuto de residência segura, requerem a aquisição de línguas no país de residência, o reconhecimento de qualificações e perspectivas realistas para entrar no mercado de trabalho, habitação acessível e outros.

Os seguintes aspectos para a inclusão bem sucedida são relevantes a nível comunitário: eventos informativos nas comunidades sobre consultas e cuidados aos atores da comunidade civil que se dedicam à ajuda aos refugiados; moderação de diversos workshops; eventos sobre supervisão; intercâmbio e apoio a voluntários. Se o trabalho social profissional pode apoiar este processo e conectá-lo com o compromisso da sociedade civil de forma produtiva é uma questão essencial para o futuro. O trabalho social pode, com seu conhecimento sobre os procedimentos socioespaciais e a compreensão do ambiente social como resultado do processo de ação (KESSL / REUTLINGER, 2010, p.5), prestar assistência e orientação quando se trata de configurar o desenvolvimento da coexistência humana.

4 - Conclusão

Não é uma tarefa fácil encontrar uma conclusão apropriada para o nosso mosaico etnográfico. Diversos são os nossos resultados e os desenvolvimentos futuros relativos à arena política são difíceis de avaliar.

Primeiro de tudo, a migração é definitivamente nada de “novo”. A Áustria já viveu experiências com vários movimentos de refugiados. Como uma implicação direta de ambas as guerras mundiais um grande número de pessoas teve que fugir, mas também os regimes comunistas do pós-guerra produziram refugiados em um número considerável. Alguns dos movimentos de refugiados permaneceram temporariamente (por exemplo, o caso húngaro), uma vez que a maioria dos refugiados seguia para outros países via Áustria. Outros refugiados - como os da antiga Iugoslávia - estabeleceram-se permanentemente na Áustria.

Alguns comentaristas sugerem que a “crise dos refugiados” é o maior desafio que a Europa enfrenta desde a Segunda Guerra Mundial. Em termos de números, alguns países têm tratado individualmente muito mais, a Áustria é um bom exemplo disso. A crise dos refugiados húngaros em 1956 afetou a Áustria num período em que a reconstrução do país ainda não estava concluída. No que

diz respeito à situação atual, o europeu esqueceu frequentemente que existem países fora da Europa que acolhem muito mais refugiados. Assim, a narrativa da “crise europeia” dificilmente pode estar ligada ao número (sem precedentes) de refugiados. O que vemos em vez disso é uma “crise de políticas e instituições destinadas a receber, processar e ajudar as pessoas que chegam buscando o estatuto de refugiado” (POSTEL et al., 2015). Uma sociedade civil forte respondeu a este fracasso da política e assumiu um monte de responsabilidades geralmente realizadas pelas autoridades. Mas este é apenas um lado da moeda, no outro lado há significativa xenofobia de direita, racismo e chauvinista vários de movimentos nacionalistas em muitos países europeus, os Estados Unidos e a Austrália.

A chegada de “estrangeiros de desconfiança” - refugiados e requerentes de asilo - atingiu “o precário” emergente: pessoas com medo de perder suas conquistas e posses e *status* social. “(BAUMAN, 2016, p.15).

O nosso modo de vida moderno inclui a produção de pessoas descartáveis (localmente sem utilidade - sobrantes e sem emprego - devido ao progresso econômico ou localmente intolerável - rejeitadas como resultado de conflitos causados por problemas sociais / Transformações políticas e subseqüentes lutas de poder). (BAUMAN, 2016, p. 3).

Assim, a chegada de refugiados e requerentes de asilo na Europa (precariado) é considerada uma ameaça para estas pessoas. Esse é o outro lado da moeda.

Como são os próprios refugiados depois de um ano de entrar na Europa? Na Áustria, temos de notar várias tendências: Parte das pessoas, principalmente sírios, já recebeu um estatuto de asilo positivo. Eles agora têm que lutar com sua inclusão na sociedade austríaca. Outros refugiados ainda estão alojados em abrigos de emergência e têm de esperar pelos seus procedimentos de asilo. Alguns esperam, embora o tempo de espera é muito, muito longo e não há possibilidade de inclusão em nossa sociedade enquanto espera. Outros voltam para casa, como Saddam o iraquiano da *Pfeiffergasse* que foi para casa em setembro, já que não aguentava mais esse longo tempo de espera. Ele voltou através de um programa de retorno voluntário. Na aldeia que Anne vivia com uma criança, 140 refugiados foram acomodados em uma escola residencial durante as férias de verão do ano de 2015. Vinte dos vinte e sete refugiados do Iraque, que moraram nesta aldeia estão, entretanto, regressados. E outros foram recentemente deportados de volta à Croácia de acordo com os Regulamentos de Dublin. Eles foram obrigados a ir depois de quase um ano na Áustria e começar novamente na Croácia.

O que precisamos na Europa é uma solução humana para a “crise das nossas políticas e instituições” e medidas de inclusão adequadas. Esta solução deve basear-se na Convenção Europeia dos Direitos do Homem, o nosso patrimônio

humanístico após a Segunda Guerra Mundial. No entanto, considerando que vivemos em um mundo global, esta proposta deve ser estendida a toda a humanidade, impedindo os assassinatos criminais da população civil da Síria, do Iêmen, do Iraque, do Afeganistão, do Paquistão, de Bangladesh e de vários países africanos em guerra por muitos anos. Certamente, há aquelas potências ocidentais que lucram com a guerra ea miséria dos outros.

Notas

¹ A legislação de asilo austríaca já era anteriormente muito rigorosa.

² A Bucovina é uma histórica região localizada entre dois Estados, Romênia e Ucrânia, a nordeste dos montes Cárpatos (HENNING, 2007). Priscilla HENNING. Memória, preservação e autenticidade: a colônia alemã-bucovina no Paraná. São Paulo: USP, 2007. (Dissertação de mestrado) Galiza ou Galícia é uma nação sem estado, situada no noroeste da Península Ibérica, com estatuto de nação histórica e que se organiza como uma comunidade autônoma espanhola. O reconhecimento da Galiza como uma nação sem Estado ocorreu em 1933, durante o IX Congresso das Nacionalidades Europeias. Em 1981 a Galiza tem aprovado o seu Estatuto de Autonomia com status de nacionalidade. INSTITUTO GALAECIA. História da Galiza.[s/d]. Disponível em: <http://institutogallaecia.org/docs/cronologia-historica-da-galiza.pdf> (Nota do Editor)

³ De acordo com o recenseamento realizado no ano de 1923, cerca de 82.000 pessoas se definiram como habitantes de Viena e de língua checa e eslovaca; Além disso, cerca de 201.000 pessoas judias foram registradas neste censo (10% da população vienense). Cf. (JOHN, 1996, p. 141).

⁴ <https://www.virtualvienna.net/the-city-its-people/history-vienna/red-vienna/> (03.08.2016)

⁵ Há uma aldeia chamada “Treze Tilias” em Santa Catarina (sul do Brasil), que foi criada por migrantes do Tyrol.

⁶ Shoá – nome pelo qual os judeus denominam o holocausto que dizimou cerca de seis milhões de seus compatriotas durante a Segunda Guerra mundial. (Nota do Editor)

⁷ Na eleição de 2010, o partido socialista perdeu sua maioria absoluta; desde então, eles estão correndo a cidade junto com o partido verde.

⁸ Conf. <https://www.wien.gv.at/english/social/integration/basic-work/facts-figures.html> Acesso em 13.11.2016.

⁹ Conf. <http://www.bbc.com/news/world-europe-34142512> Acesso em 27.10.2016.

¹⁰ „Autonomia das migrações pressupõe entender a migração como um movimento social no sentido literal, não como uma simples resposta aos problemas sociais e econômicos ... A abordagem da autonomia das migrações não considera, obviamente, a migração isolada das estruturas sociais, culturais e econômicas. É justamente o oposto: a migração é entendida como uma força criativa no interior dessas estruturas” (PAPADOPOULOS; STEPHENSON; TSIANOS, 2008, p. 202 Apud MEZZADRA, Sandro. Multidão e Migrações: a autonomia dos migrantes. Revista Eco Pos. v. 15, n. 2 (2012). UFRJ, Rio de Janeiro. (Nota do Editor)

¹¹ Conf. <http://orf.at/stories/2355933/2355938/> Acesso em 06.11.2016.

¹² Conf. <http://orf.at/stories/2355933/2355938/> Acesso em 06.11.2016.

¹³ Sikhs, sikhismo trata-se de religião monoteísta cuja fundação remete ao século XV, na região entre o Paquistão e a Índia.

¹⁴ Mas, enquanto isso, o governo francês desmantelou o campo de refugiados.

Conf. <http://www.aljazeera.com/news/2016/10/france-evacuation-calais-jungle-camp-set-start-161024050413678.html> Acesso em 08.11.2016

¹⁵ Conf. <http://america.aljazeera.com/opinions/2016/1/how-europe-should-respond-to-the-sexual-assaults-in-cologne.html> Acesso em 15.11.2016

¹⁶ Conf. <https://www.tagesschau.de/inland/fluechtlinge-familienzusammenfuehrung-101.html> Acesso em 26.07.2016

¹⁷ Conf. <http://derstandard.at/2000027777432/Bereits-rund-85-000-Asylantraege-2015-in-Oesterreich> Acesso em 26.07.2016

¹⁸ Conf. <https://www.caritas.at/hilfe-beratung/migrantinnen-fluechtlinge/faqs-zum-thema-flucht-und-asyl/faqs-refugees-and-asylum/> Acesso em: 26.07.2016

¹⁹ A proteção subsidiária é concedida ao imigrante que solicitou refúgio, mas não podendo comprovar que é, pessoalmente, alvo de perseguição, teve o seu pedido rejeitado. Contudo, em que pese a rejeição do visto de refugiado, o Estado não pode expulsá-lo de imediato. Juridicamente a proteção subsidiária é inferior ao estatuto do refúgio. No caso da Alemanha, a proteção subsidiária precisa ser renovada anualmente; até os fins de 2015, as pessoas sob proteção subsidiária esperavam até dois anos para solicitar reagrupamento familiar. Porém, já não o puderam mais fazê-lo a partir de 2017. (Nota do Editor). Uma reflexão mais detalhada sobre “proteção subsidiária” pode ser encontrada em: CEJ-Centro de Estudos Judiciários. **O contencioso do direito de asilo e Proteção Subsidiária**. Lisboa: CEJ, 2015.

²⁰ No centro de Viena, observei muitos **turistas** muçulmanos andando pelas ruas, comendo em restaurantes e passando bons momentos em carruagens movidas por cavalos. Eu vi várias mulheres bonitas e elegantes com vestidos longos e, a cabeça coberta por cachecóis. Mas, também vi **mulheres muçulmanas que vivem na cidade andando nas ruas, e no transporte público**. Quando fui visitar um amigo meu no distrito 17, sua esposa apontou para uma família turca, um casal e sua filha, que vive em um prédio perto de sua casa, e confirmou o preconceito contra os turcos. (Grifos do Editor)

²¹ Para um estudo aprofundado sobre o desemprego e seus efeitos psicossociais confira: JAHODA, Marie; LAZARFELD, Paul; ZEISEL, Hans. **Marienthal**: teh sociology of na Unemployed community. Chicago: Aldine, 1971.

²² Trata-se de uma conhecida empresa de arquitetura Austríaca. (Nota do Editor)

²³ Traiskirchen – pequena localidade, 30 km ao norte de Viena, Baixa Áustria, onde há um “campo de refugiados”. Thalham, município no estado da Alta Áustria, localizado a 104km de Viena, onde também há um “campo de refugiados”. (Nota do Editor)

²⁴ Tradução livre do original em alemão. “Primäre Voraussetzung zur Erlangung eines Integriertenstatus ist aus der Sicht der einheimischen Bevölkerung die Bereitschaft zur Integration seitens der Flüchtlinge. (...) Integration wird als Prozess gesehen: Unabdingbare Voraussetzung ist der demonstrierte Wille, sich nicht mit dem Flüchtlingsstatus und der damit als verbunden gesehene Versorgungshaltung abzufinden”. (Brunner et al. 1998:66f)

²⁵ Conf. <https://www.caritas-linz.at/hilfe-angebote/migration-integration/reki-regionale-kompetenzzentren-fuer-integration-und-diversitaet/>

²⁶ Conf. <https://www.caritas-wien.at/hilfe-angebote/asyl-integration/miteinander/kompa/>

²⁷ Conf. <http://www.wir-zusammen.at/>

Referências

ATAC, Ilker / ROSENBERGER, Sieglinde. *Inklusion/Exklusion - ein relationales Konzept der Migrationsforschung*. In: ATAC, Ilker / ROSENBERGER. Politik der Inklusion und Exklusion. Göttingen : Vienna, 2013, p. 35–52.

BAUER, Werner T., *Zuwanderung nach Österreich*. Österreichische Gesellschaft für Politikberatung und Politikentwicklung, 2008, p. 5.

BAUMAN, Zigmunt. *Strangers at Our Door*. Cambridge: Polity, 2016.

BRUNNER, Karl-Michael / EGGER-STEINER, Michaela / HLAVIN-SCHULZE, Karin / LUEGER, Manfred. *Flüchtlingsintegration in Kleingemeinden : Ergebnisse zur dritten Gemeindestudie*. Forschungsbericht, Universität Wien, 1998.

CAIKA, Mathias / DE HAAS, Hein: The Globalization of Migration. Has the World Become More Migratory? In: *International Migration Review*. Volume 48 Number 2 (Summer 2014), p. 283 – 323.

ELIAS, Norbert / SCOTSON John L., *Etablierte und Außenseiter*. Frankfurt am Main, 1990.

EUROPEAN COUNCIL ON REFUGEES AND EXILES (1999): *Position on the Integration of Refugees in Europe*, 1999.

Disponível em: <http://www.refworld.org/cgi-bin/texis/vtx/rwmain?page=search&docid=3df4d3874&skip=0&query=ecre>. Acesso em: 24 sept. 2016.

GfK AUSTRIA. *Flüchtlinge-Chance für Gemeinden*. Eine Studie von GfK im Auftrag von Österreich Hilfsbereit in Kooperation mit dem Österreichischen Gemeindebund, 2016. Disponível em: <http://gemeindebund.at/site/news-detail/fluechtlinge-pragmatismus-und-gestaltungswille-statt-buerokratie>. Acesso em: 22 jul. 2016.

GOFFMAN, Erving. *Asylums: Essays on the Social Situation of Mental Patients and Other Inmates*. New York: Anchor Books, 1961.

HOFF, Hans / STROZKA, Hans / LEUPOLD-LÖWENTHAL, Harald. Die psychohygienische Verantwortung gegenüber dem Flüchtlingsproblem. In: HOFF, Hans / STROZKA, Hans.

- Die psychohygienische Betreuung ungarischer Neuflüchtlinge in Österreich 1956 - 1958.* Wien, Brüder Hollinek, 1958, p. 5–11.
- JANDL, Michael / KRALER, Albert. *Austria: A country of Immigration?* Migration Information Source, March 2003, Disponível em: <<http://www.migrationpolicy.org/article/austria-country-immigration>>. Acesso em: 08 nov. 2016.
- JOHN, Michael. Mosaik, Schmelztiegel, Weltstadt Wien? Migration und multikulturelle Gesellschaft im 19. und 20. Jahrhundert. In: Wir. Zur Geschichte und Gegenwart der Zuwanderung nach Wien. *Katalog zur Sonderausstellung des Historischen Museums der Stadt Wien*, 1996, p. 137-144.
- KESSEL, Fabian / REUTLINGER, Christian. (Sozial)Raum - ein Bestimmungsversuch. In: KESSEL, Fabian / REUTLINGER, Christian. *Sozialraum: eine Einführung*. 2., durchgesehene Auflage, Wiesbaden, 2010, p. 21–38.
- KORAC, Maja. *Integration and How We Facilitate It: A Comparative Study of the Settlement Experiences of Refugees in Italy and the Netherlands*. In: BSA Publications. Nr. 1, Jg. 37, 2003, p. 51–68.
- KOSMINSKY, Ethel Volfzon. *Judeus Refugiados do Nazismo no Norte do Paraná*. Sao Paulo: Centro de Estudos Judaicos/Universidade de Sao Paulo, 1985.
- LEUPOLD-LÖWENTHAL, Harald. Psychohygiene und Flüchtlingsarbeit. In: HOFF, Hans / STROZKA, Hans. *Die psychohygienische Betreuung ungarischer Neuflüchtlinge in Österreich 1956 - 1958*. Wien, Brüder Hollinek, 1958, p. 71–110.
- NOACK, Winfried. *Inklusion und Exklusion in der funktional differenzierten und globalisierten Gesellschaft*, Berlin, 2014.
- PAPADOPOULOS, Dimitris / TSIANOS, Vassilis S., *After citizenship: autonomy of migration, organisational ontology and mobile commons*. In: Journal of Citizenship Studies, Volume 17, 2013 (2), 2013, p. 178-196.
- RAUCHENSTEINER, Manfred. *Der erste Weltkrieg und das Ende der Habsburger-Monarchie*. Wien/Köln/Weimar, 2013, p. 841.
- REINPRECHT, Christoph. Social Housing in Austria. In: Christine Whitehead/Kathleen Scanlon: (ed.): *Social Housing in Europe*, 2007, p. 35-44.
- SEIFERT, Ruth. *Eine Debatte Revisited: Exklusion und Inklusion als Themen der Sozialen Arbeit*. In: Zeitung für Inklusion, Ausgabe 1/2013, 2013. Disponível em: <http://inklusion-online.net/index.php/inklusion-online/article/view/25/25>. Acesso em: 8 nov. 2016.
- STEIDL, Annemarie. *Relations between continental and transatlantic migration in late-imperial Austria*. In: History and Computing, 13 (3), 2001, p. 283-300.
- WOLFF, Stephan. *Grenzen der helfenden Beziehung. Zur Entmythologisierung des Helfens*. In: KARDORFF, Ernst / KOENEN, Elmar. *Psyche in schlechter Gesellschaft. Zur Krise klinisch-psychologischer Tätigkeit*, München-Wien-Baltimore, 1981, p. 211-238.

RESUMO

Neste artigo, as autoras querem ilustrar como a Áustria respondeu e ainda está respondendo à “crise dos refugiados” em 2015. O artigo está elaborado como um tipo de mosaico contendo diferentes pontos de vista, que destacam os interesses pessoais, compromissos e abordagens teóricas das autoras. A primeira seção apresenta uma breve visão geral sobre o histórico de migração na Áustria, desde 1900 até hoje, com foco especial em Viena. Na seção seguinte, Anne Unterwurzacher reflete sobre sua atuação como voluntária durante o tempo do movimento de refugiados. Ela descreve algumas de suas experiências com a intenção de ilustrar desenvolvimentos e desafios em curso na Europa. Na seção *„Esta espera torna minha loucura”*, Ethel Kosminsky descreve uma visita em um abrigo provisório de refugiados. Ela lança luz sobre alguns aspectos do cotidiano dos refugiados que vivem nesse lugar. Na última seção, o tópico *“Inclusão de refugiados na Áustria – entre a hostilidade e o comprometimento”* será abordado de um ângulo diferente: com base em um projeto de pesquisa real, Katharina Auer-Voigtlaender destaca o processo de inclusão de refugiados em comunidades menores.

Palavras-chave: Áustria, refugiados, inclusão.

ABSTRACT

In this article, the authors want to illustrate how Austria was and still is responding to the “refugee crisis” last year. The article is considered as a kind of mosaic containing different viewpoints, which highlight the personal interests, engagements and theoretical approaches of the authors. The first section presents a short overview about migration history in Austria from 1900 until nowadays – with a special focus on Vienna. In the following section Anne Unterwurzacher reflects her time as volunteer during the time of the refugee movement. She describes some of her experiences with the intention to illustrate ongoing developments and challenges in Europe. In the section “This waiting makes my crazy” Ethel Kosminsky describes a visit in a provisional refugee shelter. She sheds light on some aspects of the everyday of the refugees living in such a place. In the last section the topic will be approached from a different angle: On the basis of an actual research project Katharina Auer-Voigtlaender highlights the process of inclusion of refugees in smaller communities.

Keywords: Austria, Refugees, Inclusion.